

CORPO DE ILHAS: AS MEMÓRIAS AFETIVAS E COLETIVAS DO ILHÉU NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA ILHA DE SANTA CATARINA

CORPO DE ILHAS: AFFECTIVE AND COLLECTIVE MEMORIES OF THE ISLANDER IN FORMING THE CULTURAL IDENTITY OF THE ISLAND OF SANTA CATARINA

Mario Abel Bressan Junior¹
Doutor em Comunicação Social
Universidade do Sul de Santa Catarina
(marioabelbj@gmail.com)

Renata Marques de Avellar Dal-Bó²
Mestre em Ciências da Linguagem
Universidade do Sul de Santa Catarina
(renatamadb@gmail.com)

RESUMO: Este artigo objetiva analisar de que maneira a escritora e membro da Academia Catarinense de Letras, Lélia Pereira da Silva Nunes, contribui para o resgate da historicidade e identidade cultural da Ilha de Santa Catarina por meio da memória coletiva do ilhéu e de suas próprias memórias afetivas contidas nos textos de seu livro **Corpo de Ilhas**, tornando sua literatura um patrimônio imaterial da cultura catarinense. A análise, realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e ancorada na perspectiva da Literatura Comparada de Tânia Franco Carvalhal (2006), pretende responder os seguintes questionamentos: De que maneira suas narrativas sofrem influência de sua memória individual e afetiva, e das memórias coletivas dos ilhéus? Que memórias seriam essas? Como é feito o resgate da identidade cultural da Ilha de Santa Catarina por meio das histórias contadas por Lélia em seu livro **Corpo de Ilhas**? Constatamos que, por meio das histórias contadas em **Corpo de Ilhas**, Lélia não está apenas interessada na presença açoriana em sua terra, mas sim na busca de suas próprias raízes.

Palavras-chave: Memória. Identidade cultural. Literatura.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the writer and member of the Santa Catarina Academy of Letters, Lélia Pereira da Silva Nunes, contributes to the rescue of the historicity and cultural identity of Santa Catarina Island through the collective memory of the islander and her own affective memories contained in the texts of her book **Corpo de Ilhas**, making her literature an immaterial patrimony of Santa Catarina culture. The analysis, carried out through a qualitative bibliographical research and anchored in the perspective of Comparative Literature by Tânia Franco Carvalhal (2006), intends to answer the following questions: How come her narratives are influenced by her individual and affective memory, and the collective memories of the islanders? What memories would these be? How is Santa Catarina Island's cultural identity recovered through the stories told by Lélia in her book **Corpo de Ilhas**? We found that, through the stories told in **Corpo de Ilhas**, Lélia is not only interested in the Azorean presence in her land, but in the search for her own roots.

Keywords: Memory. Cultural identity. Literature.

¹ ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8309-1723>

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6884-1856>.

Introdução

Este artigo pretende analisar de que maneira a escritora e membro da Academia Catarinense de Letras, Lélia Pereira da Silva Nunes, contribui para o resgate da historicidade e identidade cultural da Ilha de Santa Catarina por meio da memória coletiva do ilhéu³ e de suas próprias memórias afetivas contidas nos textos de seu livro **Corpo de Ilhas**, tornando sua literatura um patrimônio imaterial da cultura catarinense.

Há 49 anos morando em Florianópolis, e cidadã honorária desde 2015, a escritora tubaronense Lélia Nunes está ligada a Ilha de Santa Catarina por laços de afetos e por muitas lembranças da infância e adolescência. Por meio de sua escrita, Lélia se põe em defesa dos valores culturais trazidos pelos açorianos para a ilha catarinense, contribuindo para o livre acesso às diferentes formas de expressões artísticas e literárias, da criação à difusão dos elementos componentes do patrimônio cultural, bem como a sua preservação.

Ao longo dos anos Lélia tentou fazer uma ponte entre as Ilhas dos Açores e a Ilha de Santa Catarina, fazendo os caminhos do mar para aproximar suas visões de mundo, suas culturas e crenças. A motivação da autora vem da origem da cultura de que faz parte e que aportou em Santa Catarina pelas mãos dos povoadores açorianos há mais de 270 anos, formando uma diáspora cultural iniciada no distante século XVIII. Segundo Lélia (2018, p. 21), “aventureiros que partiram mar adentro, carregando as ilhas dentro de si. Hábitos e costumes, crenças, histórias e todo um imaginário que foi construído por gerações de descendentes daqueles pioneiros pela força das raízes”.

Garimpendo memórias, a cultura açoriana da ilha catarinense está contada por Lélia no livro **Corpo de Ilhas** sob algumas formas de expressão literária, como a crônica, o artigo de jornal, o relato breve ou de impressões de viagem e abordam, além das realidades culturais dessas ilhas, sentimentos de pertença, histórias comuns e que têm a pretensão de contribuir com o debate sobre a **atlanticidade literária**. “Uma história silenciada até meados do século passado, quando começa a ser desvendada graças à investigação e à difusão da produção histórica e literária dos dois lados do Atlântico” (NUNES, 2018, p. 22).

³ Indivíduo que nasce ou mora na Ilha de Santa Catarina.

Corpo de Ilhas é composta de várias formas de olhar, de revelar as Ilhas na expressão sentimental das raízes islenhas de Lélia. Nas palavras da autora (2018, p. 25), “a distância geográfica representada na cartografia por latitudes e longitudes não foi impedimento para parir este **Corpo de Ilhas** das minhas paixões, abraçadas pelo oceano e enlaçadas por pontes de afetos infinitos, sempre em mão dupla”.

Conforme Aimée G. Bolaños (2016, p. 175), “quando rememoramos, com os movimentos de recuperação e reconfiguração, fazemos da própria identidade e dos processos históricos, eventos dinâmicos em incessante transformação”. Desta forma, a escrita de Lélia, ao relatar tempos e lugares nos quais convivem memória e esquecimento, integra uma identidade narrativa e se revela como um extraordinário laboratório. Nesse sentido, surge o seguinte questionamento: De que maneira suas narrativas sofrem influência de sua memória individual e afetiva, e das memórias coletivas dos ilhéus? Que memórias seriam essas? Como é feito o resgate da identidade cultural da Ilha de Santa Catarina por meio das histórias contadas por Lélia em seu livro **Corpo de Ilhas**?

A análise do livro é realizada por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que tem como objetivo avaliar as situações que nos direcionam para os questionamentos levantados nos textos de **Corpo de Ilhas**; e ancorada na perspectiva da Literatura Comparada de Tânia Franco Carvalhal (2006), que possibilita a ampliação dos horizontes do conhecimento.

Este artigo apresenta uma revisão de leitura sobre aportes teóricos referentes aos estudos sobre memória individual, coletiva e afetiva, memória e identidade, literatura e sociedade e literatura catarinense. Sendo assim, traremos o aporte dos seguintes teóricos: Maurice Halbwachs (1990), Michael Pollak (1992), Bressan Junior (2017), David Le Breton (20019), Antônio Cândido (2000), Celestino Sachet (2012), Antônio Hohlfeldt (1994) Stuart Hall (2005), Homi K. Bhabha (2003), que fundamentam este trabalho.

Memória individual, coletiva e afetiva

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. No entanto, este arquivamento também acontece em função do contato social e coletivo que possuímos. Aprendemos e guardamos reminiscências pelo contato com outras pessoas e com os grupos de referências.

Importante pensar neste aspecto, visto que a memória vem trazer esta reconstrução sobre uma lembrança, seja através de amigos, familiares ou até mesmo revisitando uma cidade, um conhecido ou antigo local de trabalho. Todos trarão recordações que serão otimizadas diante da interferência do hoje, mas que houve uma interação social (BRESSAN JÚNIOR, 2017, 2018).

Maurice Halbwachs, em seu livro póstumo *Memórias Coletivas* (2013), publicado em 1950, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro (HALBWACHS, 2013, p. 29-30).

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Segundo Michael Pollak (1992, p. 201-202), em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente e, em segundo lugar, os vividos pelo grupo. Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens, e pelos lugares da memória. Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem ser reais ou tratar da projeção e transferências que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva. Conforme Pollak (1992, p. 204), a memória é um fenômeno construído consciente ou inconscientemente. Pode-se dizer que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidades, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.

Para Pollak (1992), os acontecimentos vividos por cada indivíduo irão formalizar uma constituição individual da memória, justamente com os “vividos por tabela”, ou seja, o que para ele correspondem aos acontecimentos desencadeados pelos grupos a que as pessoas pertencem.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (POLLAK, 1992, p. 201).

No entanto, são os afetos que simbolizam a permanência, a relação do homem com o mundo e a sua intimidade inserida nos acontecimentos do cotidiano, explica Le Breton (2009). Temos sempre uma apropriação de afeto sobre os objetos que nos cercam e que é duradoura, independentemente do tempo. “A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo” (LE BRETON, 2009, p. 113).

Perante esses aspectos podemos dizer que ao escrever um livro o escritor evoca memórias e traz elementos correspondentes às recordações e a afetividade, retoma formas de pensamentos e vivências individuais ou proporcionadas por um grupo, trazendo consigo questões emocionais, visto que não há como separar memórias e afetos.

Reflexões sobre cultura, representação e identidade

Para que a discussão em torno do tema seja melhor aprofundada há que se ter em conta alguns conceitos que ajudam a examinar a forma como a identidade se insere no círculo da cultura bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com o discurso sobre a representação.

O conceito de identidade passa por um processo de construção identitária em que o indivíduo na relação com um grupo em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores. Através das mudanças, internas e externas, vamos construindo nossa identidade, que, muitas vezes, é constituída de outras vozes e histórias dissonantes, convergentes, divergentes, contraditórias, paradoxais. Somos compostos de várias identidades: de gênero, de raça, de classe, de nacionalidade, origem étnica, de religião. Para Hall (2000, p. 108-109), essas identidades,

parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos”, ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.

Mas o que a representação tem a ver com a “cultura”? Que conexão existe entre “representação” e “cultura”? Conforme Hall (2016, p. 18), “a linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura”. Sendo assim, é através da linguagem que “damos sentidos às coisas”, onde o significado é produzido e intercambiado. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são elaborados. Nos últimos anos, a palavra “cultura” passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o “modo de vida” de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social. Por outro lado, a palavra também passou a ser utilizada para descrever os “valores compartilhados” de um grupo ou de uma sociedade.

De acordo com Hall (2016, p. 19), “a importância do sentido para a definição de cultura recebeu ênfase por aquilo que passou a ser chamado de ‘virada cultural’ nas ciências humanas e sociais, sobretudo nos estudos culturais e na sociologia da cultura”. Basicamente, a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – “o compartilhamento de significados” – entre os membros de um grupo ou sociedade. Porém, em toda cultura há sempre uma grande diversidade de significados a respeito de qualquer tema e mais de uma maneira de representá-lo ou interpretá-lo. Além disso, segundo Hall (2016, p. 20), “a cultura se relaciona a sentimentos, a emoções, a um senso de pertencimento, bem como a conceitos e a ideias”. A maneira como nos expressamos pode revelar algo sobre quem somos (identidade), o que estamos sentindo (emoções) e de que grupo sentimos fazer parte (pertencimento). São os participantes de uma cultura que dão sentido a indivíduos, objetos e acontecimentos. Em parte, damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas. “Em outra parte ainda, nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as

emoções que associamos a elas (...), enfim, os valores que nelas embutimos” (HALL, 2016, p. 21).

A cultura, desse modo, permeia toda a sociedade produzindo sentido que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade. Em outras palavras, a questão do sentido relaciona-se a todos os diferentes momentos ou práticas no “circuito cultural”, como na construção da identidade, na demarcação das diferenças e na regulação da conduta social. Portanto, sofremos efeitos da cultura em que estamos inseridos. Esta identidade, de quem somos, ou a que grupo pertencemos, tem símbolos concretos que ajudam a identificar nas relações sociais quem é, por exemplo, mulher e quem não é. Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Por isso, o processo de construção nunca é completo, está sempre em continuidade. Segundo Hall (2005, p. 38), “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

A literatura, como um sistema de representação, se utiliza de “códigos culturais” (sons, palavras, expressões) para construir significados e dar sentido àquilo que queremos dizer e para expressar ou transmitir um pensamento, um conceito, uma ideia ou um sentimento. Portanto, é por meio da cultura e da linguagem, fundamentais na configuração de sujeitos sociais e acontecimentos históricos, que a elaboração e a circulação de significados ocorrem.

Conforme Cândido (2000, p. 68), “a literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. Como tal, a literatura depende, em primeiro lugar, da consciência grupal, isto é, a noção desenvolvida pelos escritores de constituírem um segmento especial da sociedade. Isto quer dizer que o escritor, numa determinada sociedade, é “não apenas ‘o indivíduo’ capaz de exprimir a sua originalidade, mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas (...)” (CÂNDIDO, 2000, p. 68)

Nesta perspectiva, o autor, por meio de sua literatura, lança o seu olhar sobre o mundo que está inserindo, ativado por suas apropriações pessoais e culturais, com interferências das relações coletivas.

Conforme Sachet (2012, p. 09), “a identidade entre os produtores da literatura dos catarinenses, segundo os aspectos físicos do território, está marcada por diversidades assemelhadas que podem apresentar como eixos agrupados a geografia, a etnia, a economia e a cultura”. Já o escritor e crítico gaúcho Antônio Hohlfeldt (1994), proclama a presença dos seguintes traços característicos de nossa produção literária na passagem do século XX para o século XXI: vertente do regionalismo como tema e linguagem literária em direção ao universalismo; valorização da paisagem externa para aprofundamento da psicologia dos personagens; forte ligação com o tempo e com o espaço de linhas culturais centradas no processo de povoamento.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo faz, por meio da pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, uma análise de como é representada a identidade cultural da Ilha de Santa Catarina nas memórias literárias da escritora Lélia Pereira da Silva Nunes no livro **Corpo de Ilhas**.

Para analisar os textos contidos no livro **Corpo de Ilhas** teremos como suporte a pesquisa bibliográfica monográfica, de abordagem qualitativa, através da leitura, fichamento, análise e interpretação da obra. Conforme Rauén (2015, p. 170), por pesquisa bibliográfica monográfica define-se o “estudo que consiste em um conjunto de procedimentos que visam a responder a um problema de caráter técnico ou prático através da análise e da discussão das contribuições culturais e científicas registradas no acervo bibliográfico humano”. Desta maneira, é por meio desse tipo de investigação que teremos contato com o que já foi publicado, além do suporte teórico de estudiosos relevantes para o tema estudado.

Partindo do princípio de que a obra literária não está isolada, mas faz parte de um grande sistema de correlações, apoiamo-nos também nos pressupostos da Literatura Comparada, pois, conforme Tânia Franco Carvalhal (2006, p. 8), “a comparação, como recurso analítico e interpretativo, possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe”.

Desta forma, a literatura comparada se situa “entre” os objetos que analisa, colocando-os em relação e explorando as conexões entre eles. Esses estudos instigam

a uma ampliação dos campos de pesquisa, explorando a sobreposição da literatura com outros campos de conhecimento, ultrapassando, assim, fronteiras geográficas, artísticas e intelectuais.

Corpo de Ilhas: Um resgate histórico e cultural da Ilha de Santa Catarina por meio das memórias coletivas do ilhéu e das memórias afetivas de Lélia Nunes

Socióloga de formação e mestre em Administração Pública pela Universidade Federal de Santa Catarina, Lélia se tornou pesquisadora e estudiosa da contribuição cultural da diáspora açoriana na Ilha de Santa Catarina e do Patrimônio Imaterial Catarinense. Desde 1984, vem dedicado a maior parte do seu trabalho literário à cultura açoriana, sobretudo às Festas do Divino Espírito Santo no estado de Santa Catarina e nos Açores. Do estudo inicial sobre a tradicional festa em terras catarinenses, onde se recombina os símbolos e as marcas de origem, promovendo uma contínua revitalização da secular celebração, Lélia partiu para conhecer a sua manifestação no Açores, as Ilhas do Espírito Santo, onde tudo começou. Uma andança identitária em busca de suas referências pela geografia do arquipélago, ilha após ilha, ouvindo histórias e apaixonando-se por sua fascinante paisagem e por sua gente “com memória, coração e cara de minha gente”, conta Lélia (NUNES, 2018, p. 22).

No início dos anos 90, Lélia começava a participar de seminários, colóquios e congressos apresentando comunicações sobre a presença açoriana na cultura catarinense em suas manifestações mais significativas e significantes na arquitetura da identidade cultural – percebida nas similitudes, no modo de ser, conviver, de pensar, criar e escrever. Como investigadora e interveniente, Lélia se pôs a falar da herança açoriana, da memória viva de saberes e fazeres que, mesmo tendo uma origem comum, se reproduzem sob novas roupagens “vincadamente verde-amarelas”. Muito do que pesquisou, falou e escreveu durante todos esses anos está registrado no livro **Corpo de Ilhas**, onde Lélia insiste no diálogo plural entre os autores da literatura dos catarinenses e dos açorianos. Como ela mesma define: “vozes de diferentes histórias, pensamentos e gerações que se aproximam numa convergência de escritas e no urente debate sobre as nossas experiências, culturais e literárias, dentro e fora do nosso microcosmo, nas duas margens Atlânticas, no norte e sul do Equador” (*op.cit.*, p. 132)

A “açorianidade” herdada

Na crônica **A cereja do bolo**, Lélia vai ao encontro da história de Florianópolis, considerada hoje o melhor lugar para se viver no Brasil. Com uma população estimada em 477.798 habitantes (2016), que duplica nos meses de dezembro a março, a cidade é conhecida por ter uma elevada qualidade de vida, sendo a capital brasileira que apresenta a maior pontuação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país. (NUNES, 2018, p. 112)

No entanto, segundo Lélia, a Florianópolis de ontem continua presente na sua essência, na alma do lugar. “Florianópolis humorada e irreverente, com tantas ilhas dentro de si, tem uma identidade cultural marcada pela presença do jeito “açoriano” do passado espelhado no casario, nas igrejas, nos usos e costumes de sua gente, sendo considerada a cidade mais açoriana do sul do Brasil” (*op. cit.*, p. 112).

Lélia resgata essa identidade cultural, trazendo relatos sobre a “açorianidade” herdada, do ‘catarinensismo’ e da nossa brasilidade”. Através de suas memórias afetivas, Lélia passeia pelas tradições, mergulha na memória coletiva, revisita mitos, trazendo histórias reais e imaginárias que formam a cultura do povo ilhéu. Lélia faz de suas memórias instrumento de preservação e de revitalização do patrimônio cultural imaterial, transpondo para sua literatura símbolos, rituais, religiosidade, crenças e fábulas. Uma história silenciada até meados do século passado, quando começa a ser desvendada graças à investigação e à difusão da produção histórica e literária dos dois lados do Atlântico. Florianópolis, a “Cidade-Ilha” que, no cenário do passado, serviu de porto seguro às expedições do século XVI que cruzaram o Atlântico Sul rumo ao Rio da Prata ou ao Estreito de Magalhães, deu boas-vindas aos ilhéus açorianos no século XVIII e abriu suas portas no XIX a imigrantes de muitas etnias, vindos das lonjuras do mundo. Os escritos de Lélia fazem a ligação entre a Ilha de Santa Catarina e as Ilhas dos Açores, atravessando o Atlântico, um percurso reconhecido e respeitado no arquipélago dos seus ancestrais, onde sua literatura tem sido amplamente divulgada e admirada, sobretudo quando escreve sobre a Festa do Divino Espírito Santo, a maior manifestação cultural dos Açores, no arquipélago e nas comunidades da diáspora açoriana. Estes lugares (HALBWACHS, 2013) servem para refazer, reconstruir e repensar o passado. São locais que evocam lembranças e trazem sensações e simbologias em que acontecimentos são revelados nos contornos da memória. Isto posto, **Corpo de Ilhas** atua num processo de resgate da identidade

açoriana. As memórias coletivas, bem como a identidade social dos ilhéus, traçam uma demarcação no tempo e espaço vividos por eles.

Como sujeitos constantemente em transformação renovamos o passado, “refigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver” (BHABHA, 2003, p. 27).

Lélia e sua escrita estão neste espaço intermediário, nem lá, nem cá (ou lá e cá), vivem na fronteira do passado com o presente, onde suas memórias afetivas ajudam a assimilar o passado, vivenciar o presente e estabelecer novas fronteiras, o futuro, gerando novos pensamentos, novos sentidos, novas identidades.

A Festa do Divino Espírito Santo

Como socióloga e escritora Lélia busca entender a festa religiosa de Pentecostes e a história cultural da celebração e simbologia da Festa do Divino, definida como patrimônio cultural de natureza imaterial, sob o foco de suas posições e convicções teóricas. “As mundividências de uma açorianidade sobrevivente por ritos ancestrais de oralidade encontram na Festa do Divino Espírito Santo a cara de sua identidade” (NUNES, 2018, p. 210).

Nos inúmeros artigos que publicou nos últimos 24 anos (o primeiro é de 1995), sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Santa Catarina, nos Açores e nas comunidades da diáspora da América, Lélia não se cansa de enfatizar seu caráter identitário, a maior referência da presença açoriana em qualquer parte do planeta. Elemento de primordial relevância para o conhecimento do roteiro migratório dos portugueses em séculos de andanças por altitudes sem conta. É mediante a categoria de “memória coletiva” de Halbwachs (2013) que a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. Essa categoria de análise trouxe contribuições valiosas para os trabalhos na área da sociologia, psicologia, história, entre outras, influenciando a produção de trabalhos como este.

Essa crescente aproximação, entre cá e lá, permitiu que Lélia investigasse e conhecesse mais de perto a riqueza do patrimônio cultural português, especialmente nas comunidades diásporas, onde souberam preservar e cultivar as tradições trazidas

da terra natal. Lélia encontrou nas diferentes manifestações culturais de honra e louvor ao Espírito Santo a prática da partilha, a grandeza da dádiva, a dimensão caritativa e fraterna, sob o olhar da devoção popular. O universo das Festas do Divino Espírito Santo, em terras brasileiras, abrange um “cenário enorme, intenso, popular e, por isso mesmo, uma ferramenta valiosa no entendimento da sobrevivência de um legado secular, permitindo aquilatar a força dessa presença na construção da identidade cultural” (*op. cit.*, p. 210).

Segundo Hall (2000, p. 108-109), o conceito de identidade passa por um processo de construção identitária em que o indivíduo na relação com um grupo em que se encontra, passa a sentir-se pertencente a ele, apropriando-se de suas crenças e de seus valores. Conforme Lélia (*op. cit.*, p. 212), os comportamentos e rituais da Festa do Espírito Santo têm sentido e significado, reunindo costumes, saberes, processos e práticas que se reinventam e se transformam ao longo dos anos. “São exemplos do universo cultural perpetuado pelo viés da tradição que trespasa os limites atlânticos e abraça a gente açoriana onde quer que esteja”.

Para Halbwachs (2013, p. 31), somente se pode falar em memória coletiva se evocarmos um evento que também fez parte da vida do grupo no qual fazemos parte. Os costumes e saberes descritos por Lélia constroem a identidade e formam a memória coletiva do ilhéu, fazendo com que se sintam pertencente ao grupo e a Ilha onde moram.

A alma do lugar

Quando o músico, canto e realizador açoriano Zeca Medeiros fez a seguinte pergunta para Lélia: “Lélia, será que os açorianos fazem ideia do que significa a tal herança açoriana na Ilha de Santa Catarina? Do seu passado ou do seu presente?” Lélia respondeu sem hesitar: “Acredito que sim. Por todos, ilhéus dos Açores e das comunidades da diáspora, que aqui já estiveram, seja em breve visita oficial, participando de colóquios, apresentando-se em filarmônicas, grupos folclóricos ou apenas ‘turistando’. Anos a fio de ir e vir” (NUNES, 2018, p. 96).

No entanto Lélia admite que nem todos percebem a identidade que anima (do latim, significando essência, vida, energia e alma) a Ilha de Santa Catarina, desde o século XVIII.

Para Lélia, o fato que dá significado e nos identifica enquanto povo é a alma: “A alma do lugar espelha os sentimentos de pertença dos moradores que, de forma consciente ou não, carregam no seu jeito de ser, de estar, de bem viver o que nesta tessitura de renda fina configura a identidade cultural” (*op. cit.*, p. 96)

A fala vem ao encontro do conceito de Hall (2000, p. 108-109), que diz:

“essas identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’, ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios’.”

Lélia dá como exemplo os irmãos ilhéus Alan e Arante José Monteiro Filho, o Arantinho, do Pântano do Sul, no extremo Sul da Ilha, para os quais a alma do lugar está bem “ali diante daquele marzão azul com ondas a quebrar na areia molhada, enquanto na vigia olhos cansados procuram a mancha prateada a cintilar, alertando os pescadores que hoje tem arrastão, que tem peixe de curso bailando no mar”. (NUNES, 2018, p. 96)

Está também na Festa do Divino Espírito Santo, vivida intensamente por toda a comunidade,

desde o ‘tirar a Bandeira’ na coleta de prendas, as doações e a oferta de fitas de promessas, que são atadas no mastro até a festa. É quando realizam as cerimônias religiosas e os rituais tradicionais: as novenas do Divino, o almoço partilhado em agradecimento à abundância no mar e à fartura na mesa, a procissão da Corte Imperial da casa do Mordomo à Igreja para a Missa da Coroação e o ‘tirar as sortes’ do próximo ano, e a entrega das alfaias do Divino ao novo Casal Imperador. Tudo isso acompanhado dos dobrados da centenária Banda Musical de Amor à Arte e da cantoria dos Foliões a enunciar os passos do ritual da solene celebração (*op. cit.*, p. 96).

Na Ilha de Santa Catarina, a Festa do Espírito Santo é o símbolo maior da lembrança dos Açores que identifica a ilha catarinense. O pensar dos moradores do Pântano do Sul está nas palavras de Arante Filho: “A Festa do Divino Espírito Santo é a realização do nosso povo. Ela ultrapassa os limites geográficos dos santos paroquiais. Ela engloba toda gente numa festa só, porque ela é a alma do lugar”.

Segundo Pollack (1992, p. 204), “a memória é um fenômeno construído social e individualmente”. A Festa do Divino Espírito Santo faz um resgate das tradições do povo ilhéu, exercendo um papel sociocultural relevante, na medida em que traz contextos significativos para a compreensão de como vive e atua essa sociedade, ou seja, é um elo de ligação entre a memória e o sentimento de identidade deste povo.

Sobre o fundamento da identidade cultural do ilhéu de Santa Catarina, Lélia confessa “sem jactância”: “estou convencida que ‘alma açoriana’, ancorada nesta esquina das Ilhas, é o fundamento da nossa identidade cultural. Com certeza, a compreensão do verdadeiro sentido de pertença é a resposta para desvendar a alma do lugar” (NUNES, 2018, p. 97).

Lélia, ao falar que a “alma açoriana” é o fundamento da identidade cultural do ilhéu toca nas questões levantadas por Hall de “quem nós somos”, “de onde viemos” e “quem poderemos nos tornar”, ou seja, por meio da socialização histórica, do imaginário, ocorre um “fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado tão forte que podemos falar de uma memória quase que herdada” (POLLAK, 1992, p. 201). Ao escrever sobre as tradições do ilhéu, Lélia sente-se parte afetivamente daquelas ilhas tanto quanto há 49 anos é da Ilha de Santa Catarina, carregando o melhor do imaginário açoriano e do catarinense, em constante movimento no tempo e no espaço, numa inevitável convergência e intimidade com sua condição de ilhéu de Santa Catarina e da Ilhas Açorianas.

Mundo novo dos ilhéus açorianos

Até 1756 foram transportados cerca de 6 mil colonos açorianos e 1.367 madeirenses, na maior mobilidade humana para o Brasil Meridional com o propósito de povoamento dentro do império português. “Miseráveis, analfabetos, esquecidos e largados à sua própria sorte e que, mesmo assim, com dignidade construíram o futuro e deixaram a sua herança e todo um imaginário enraizado que se reproduz e se expande pelo Sul do Brasil” (NUNES, 2018, p. 92).

Lélia conta na crônica **Mundo Novo dos Ilhéus Açorianos – Sob o olhar dos viajantes dos séculos XVIII e XIX** que muitos dos que abandonaram as Ilhas rumo ao Novo Mundo viram seus sonhos serem sepultados nas águas do Atlântico ou na dolorosa sobrevivência na terra prometida. No entanto, superaram as dificuldades e fizeram dele o seu “chão”.

Lélia busca trazer em seus escritos a história cultural e social da Ilha de Santa Catarina de ontem a dialogar com o progresso que chega com a modernidade; os costumes e tradições de uma sociedade e sua efervescência cultural. Ao falar, por exemplo, do Campeche, que se sobressai por seu interessante patrimônio arquitetônico, protegido por lei municipal: o conjunto formado pela igrejinha de São Sebastião do Mato de Dentro, o Império do Divino Espírito Santo e a Santa Cruz, marcos significativos da fundação do povoado. O distrito de Campeche passou por um processo de reorganização espacial e social a partir dos anos 80 do século passado, recebendo novos moradores e migrantes, trazendo alterações nas formas tradicionais de viver da comunidade que, “por muitas gerações, viveu unicamente da cultura de subsistência do café, do amendoim, do feijão, da mandioca e da pesca” (*op. cit.*, 72).

No entanto, segundo Lélia, tais alterações não apagaram valores culturais sobreviventes de uma cultura de raiz açoriana. “Valores que estão bem vivos, como o artesanato da renda de bilro, o manejo da terra, a lida na pesca, a linguagem, as cantorias, as crenças, os hábitos do cotidiano, as festas populares, a religiosidade e a Festa do Divino Espírito Santo, sua tradição mais vívida” (*op. cit.*, 72).

A cultura açoriana passada de geração em geração está presente ainda hoje na memória coletiva e afetiva dos ilhéus. O arquipélago dos Açores, mesmo estando fora do espaço-tempo dos ilhéus de Santa Catarina, constituem lugar importante para a memória do povo daqui. Segundo Pollack (1992, p. 202), “acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos”. Além dos acontecimentos, Pollack (1992) explica outros fatores que organizam as memórias dos sujeitos. Para ele, frequentemente, nos deparamos com personagens e lugares que proporcionam um reencontro com o passado. As rendeiras da Lagoa da Conceição, as benzedeiras, donas do conhecimento ancestral da cura por meio das ervas, chás, rezas, benzeduras, e os pescadores do Campeche, fazem uma ponte entre o passado e o presente. A própria Festa do Divino Espírito Santo, em suas diversas manifestações, sendo uma das mais antigas e difundidas práticas do catolicismo açoriano é um lugar de suma importância na memória coletiva e afetiva do ilhéu, na atualidade. São os caminhos do Divino abertos no distante século XVIII e

que avançam no XXI numa contínua revitalização. Uma “açorianidade” temperada com o jeito de ser e estar do ilhéu catarinense.

O olhar para além da fronteira

Na crônica **O olhar para além das fronteiras – reais e imaginárias - borderCrossing 2** Lélia escreve sobre o livro **borderCrossings Leituras Transatlânticas, 2**, do escritor açoriano Vamberto Freitas, que fala sobre a “inquestionável existência da literatura açoriana – uma literatura da nossa imigração” (NUNES, 2018, p. 177).

Conforme Lélia (*op. cit.*, p. 177), “o livro é uma coletânea de ensaios da maior qualidade distribuídos por 342 páginas e concebidos à luz da produção literária sem limites geográficos de permeio, sem fronteiras nem amarras de qualquer natureza”. Lélia descreve **border Crossings Leituras Transatlânticas, 2** como sendo o cruzamento de espaços, dando vida a uma escrita que tem como referenciais a memória coletiva, as experiências dos e/imigrantes e as ideias que captam o nosso tempo, circulam na sociedade em que vivemos e que identificamos como laços de pertença. Lélia é enfática ao afirmar que Vamberto Freitas escreve com domínio absoluto sobre a literatura açoriana como a literatura produzida na diáspora. “Escreve com estilo próprio, mundividências, esbanjando cultura e verdade, dando visibilidade à criação, aproximando geografias de nossos afetos e a transnacionalidade cultural e histórica, de forma persistente” (*op.cit.*, p. 178).

Conforme Le Breton (2009), são os afetos que simbolizam a permanência, a relação do homem com o mundo e a sua intimidade inserida nos acontecimentos do quotidiano. “A emoção é a própria propagação de um acontecimento passado, presente ou vindouro, real ou imaginário, na relação do indivíduo com o mundo” (LE BRETON, 2009, p. 113).

Por fim, Lélia faz uma relação entre literatura sociedade e cultura, como sendo uma tríade inegavelmente presente na representação do real e no desvendar o imaginário ao longo do tempo e do espaço. “Se, por um lado, a literatura é altofalante a transmitir a inquietude social, a constante mutação da sociedade e a inovação do pensar, por outro está a cultura como força inovadora, fator de entendimento da sociedade, reveladora das expressões criativas e salvaguarda da memória coletiva – a identidade cultural” (*op. cit.*, p. 178).

A relação entre a arte e o meio social em que vivemos é fundamental para a preservação da memória e a formação da identidade de um povo.

Considerações finais

Esta pesquisa objetivou analisar de que maneira a escritora e membro da Academia Catarinense de Letras, Lélia Pereira da Silva Nunes, contribui para o resgate da historicidade e identidade cultural da Ilha de Santa Catarina por meio da memória coletiva do ilhéu e de suas próprias memórias afetivas contidas nos textos de seu livro **Corpo de Ilhas**, tornando sua literatura um patrimônio imaterial da cultura catarinense.

Constatamos que, por meio das histórias contadas em **Corpo de Ilhas**, Lélia não está apenas interessada na presença açoriana em sua terra, mas sim na busca de suas próprias raízes. Ao trabalhar na construção de pontes culturais e históricas que encurtam as distâncias entre o arquipélago das Açores e as Ilhas de Santa Catarina, Lélia exprime sentimentos, emoções, senso de pertencimento, conceitos e ideias, buscando as origens açorianas dos colonizadores desta parte do Novo Mundo.

Os escritos de Lélia sofrem influência das memórias da autora e dos ilhéus, na medida em que Lélia desvenda a intimidade da Ilha ao trazer à tona as crenças, os hábitos, as festas, os rituais, as tradições e os costumes de uma cidade guardada na memória coletiva e afetiva de sua gente, mexendo com o imaginário e com recordações de várias gerações.

Ao escrever **Corpo de Ilhas**, Lélia sentiu-se parte daquelas ilhas nos Açores tanto quanto há 49 anos é da Ilha de Santa Catarina. Como “gente de casa”, abriu as imensas janelas insulares para deixar passar o “Vento Norte e o Vento Sul carregando o melhor do imaginário açoriano e do catarinense, em constante movimento no tempo e no espaço, numa inevitável convergência cultural” (NUNES, 2018, p. 22).

Visto que memórias e afetos andam juntos, ao evocar suas próprias memórias e também a memória do ilhéu, Lélia traz componentes equivalentes às recordações e a afetividade, retoma formas de pensamentos e vivências individuais e também proporcionadas pelo povo, trazendo consigo questões emocionais e nostálgicas.

Segundo Huyssen (2000), a memória da sociedade é acordada no corpo social dos valores, crenças, instituições e rituais. “Como indivíduos e sociedades,

precisamos do passado para construir e ancorar identidades e alimentar uma visão do futuro (...)” (HUYSEN, 2000, p. 67).

Ao escrever sobre o artesanato da renda de bilro, o manejo da terra, a lida na pesca, a linguagem, as cantorias, as crenças, os hábitos do cotidiano, as festas populares, a religiosidade e a Festa do Divino Espírito Santo, Lélia evoca não só suas memórias afetivas, mas também reconstitui a memória coletiva do ilhéu, trazendo à tona lembranças e costumes passados de geração a geração. Como um fenômeno coletivo, essa memória projeta o passado e se torna de fundamental importância para a formação identitária da própria Lélia e também do povo ilhéu, à medida que a escritora se sente pertencente a este povo, apropriando-se de suas crenças e de seus valores.

Os escritos de Lélia ajudam na luta para aproximar essas ilhas no campo cultural e, em especial, no literário. A busca a identidade de Santa Catarina e dos catarinenses na diversidade de suas etnias e culturas.

Por meio da sua literatura, Lélia reconstitui a identidade cultural da Ilha de Santa Catarina e expressa uma visão sensível do “mundo-ilha”, seja este real ou fruto da memória e da imaginação. Ainda hoje, mais de 270 anos depois da vinda dos açorianos para Santa Catarina, as memórias continuam ecoando, fazendo com que as histórias permaneçam no seu processo evolutivo.

Lélia faz, através de sua obra, um resgate literário do patrimônio imaterial catarinense e os valores culturais herdados dos açorianos, “que na dinâmica da assimilação cultural sofrida se foram ‘combinando’ ante os novos conhecimentos no Novo Mundo que os acolhia”. Explora as pontes que interligam o “nosso mundo ilhas”, entrecruzando identidades culturais e “mundividências” centradas não na unidade e sim na “nossa diversidade”. Segundo ela, “um intercâmbio que se fortalece dia após dia” (NUNES, 2018, p. 23).

Referências

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila et al. 4 reimp. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOLAÑOS, A. G. **Ofício de lectora**. Rio Grande do Sul: FURG, 2016.

BRESSAN JÚNIOR, M. A. **A memória afetiva e os telespectadores**: um estudo do Canal Viva. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-

Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Puc-rio, Apicuri, 2016.

_____, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HOHLFELDT, A. **A Literatura catarinense em busca de identidade: O romance**. Porto Alegre, Florianópolis: Movimento, UFSC, 1994.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NUNES, L. P. da S. **Corpo de Ilhas**. Florianópolis: Dois Por Quatro, 2018.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, nº. 10, p. 200-212, 1992.

RAUEN, F. **Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação**. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.

SACHET, C. **A Literatura dos catarinenses: Espaços e caminhas de uma identidade: poema, prosa, teatro**. Florianópolis: Unisul, 2012.

Recebido em 02 de abril de 2020
Aprovado em 04 de maio de 2020